

# PORQUE NOS PERGUNTAM SE EXISTIMOS

Marina Colasanti

Se eu disser: “Eu sou uma mulher”, tenho certeza de que a afirmação não causará nenhuma surpresa.

Permito-me prosseguir com as afirmações, e dizer: “Eu sou uma escritora”.

Isso também não deveria causar maiores estremecimentos. As duas questões são pacíficas. Entretanto, combinadas, parecem produzir uma poderosa reação química, cuja fórmula conduz inevitavelmente à pergunta: existe uma escrita feminina?

Há exatos 28 anos eu a respondo. Com paciência, com boa educação, com sincero intuito didático. Repito aquilo tudo que a gente sabe, da dificuldade de acesso à educação, do controle da nossa linguagem, da crítica exclusivamente masculina estabelecendo os padrões, e da nossa força para conseguir vencer tudo isso. Quando há tempo, dou um pouco de história, vou até o século XIX, falo das Brontë, quem não conhece as Brontë? Não ouse chegar até Aphra Behn, seria abusar, mas Emily Dickson, já deu até peça, pode-se citar sem risco de parecer pedante.

A resposta, afinal, é tão pouco original quanto a pergunta. Pois não sou eu que a invento, não sou só eu que respondo. Somos milhares, no mundo inteiro. Justamente quando eu estava pensando nessa palestra, liguei a TV a cabo, num programa italiano de literatura, chamado *Pickwick*. Ao lado do âncora, sorrindo para a câmara, estava a escritora Dacia Maraini. E o que foi que o âncora — um profissional corretíssimo, diga-se de passagem — perguntou a ela? Vamos ver se vocês adivinham... Façam um esforço de imaginação. Isso mesmo: “Existe literatura feminina?” Ela continuou sorrindo e respondeu, educada, paciente, com aqueles mesmos argumentos que eu e todas nós usamos, talvez acrescentando mais alguns, o olhar feminino, o mundo das emoções ao qual as mulheres são historicamente mais afeitas, a relação feminina com aquilo que é físico a que poderíamos chamar de fisicidade das mulheres. Imagino que soubesse a resposta de cor, repetida infinitas vezes; aqui mesmo no Rio, em conferência que fez e na qual fui chamada a servir de *spalla*, lhe perguntaram exatamente a mesma coisa, da mesma maneira, e a resposta não foi diferente.

Há anos, em todos os níveis, estamos respondendo. Mas, embora clara e justa, a resposta tem se demonstrado ineficiente. Não consegue eliminar a pergunta. Não consegue sequer modificá-la. Apesar de tudo o que já dissemos, continuam questionando nosso fazer literário exatamente da mesma maneira, com a mesma insistência, com idênticas palavras. Como se nada tivéssemos dito.

Depois de tanto responder, desemboquei subitamente numa convicção: o erro não está na resposta. E isso muda minha maneira de atuar.

Não vou mais comprar o peixe que querem me vender. Ou seja, não vou mais aceitar essa pergunta como se aceitam as perguntas que esperam resposta. Recuso-me a procurar novos e, quem sabe, mais convincentes argumentos. E porei um freio na minha boa educação, que corre o risco de ser interpretada como uma forma de acovardamento.

Eu que a partir da escrita estou há anos empenhada em construir a arquitetura de uma voz, de uma voz que sendo a minha é feminina, declaro-me ofendida pela pergunta. E, em vez de respondê-la, a questiono.

Que pergunta é essa que, afinal, nos trouxe aqui?

Não é nova, certamente. Fosse uma pergunta normal, seria de se esperar que ao longo do tempo, minada pelos estudos acadêmicos, pelo intenso trabalho da crítica feminista, pela fala de muitas autoras, pela simples evolução e até mesmo pelos avanços da ciência, tivesse sofrido alguma alteração. Normal mesmo seria que tivesse desaparecido. No entanto, ela parece passar por cima disso tudo, mantendo-se absolutamente inalterada, até mesmo na formulação. Nenhum argumento a atinge.

Por quê?

Porque ela não está interessada nos argumentos. Independe da resposta. É uma espécie rara de pergunta, cuja razão de ser não é a busca de um esclarecimento, é a pergunta em si.

Isso fica claro quando vemos como ignora as evidências científicas.

Nos últimos anos a ciência tem provado que os homens e mulheres não são iguais. Não vamos aqui nos estender sobre as infinitas diferenças biológicas. Vamos nos ater ao que interessa ao nosso caso.

- Cientistas da Universidade de Yale descobriram que os homens e as mulheres falam línguas diferentes. Graças à utilização de um campo magnético e ondas de rádio, capazes de construir a imagem dos tecidos do corpo, verificaram que, ao falar, os homens usam basicamente uma seção do lado esquerdo do cérebro, enquanto as mulheres recorrem a diversas áreas dos dois lados do cérebro. Bennet Shaywitz, responsável pelo projeto, afirma que foi possível demonstrar diferenças consideráveis na organização funcional de um componente específico do processo de linguagem entre homens e mulheres.
- Por experiências científicas anteriores, sabemos que entre as áreas cerebrais dos dois hemisférios, que as mulheres — e só as mulheres — utilizam para falar, estão aquelas que controlam a visão e aquelas que controlam os sentimentos.

- Além disso, comprovadamente, as mulheres falam mais cedo, enunciam melhor, e têm maior vocabulário.
- O aprendizado da escrita também é diferenciado. As mulheres aprendem a ler e a escrever mais facilmente que os homens. Nas salas de reforço de aprendizado de leitura — nos EUA — verificou-se a presença de apenas 1 menina, para 3 meninos.

Existem, certamente, mais dados, mas me parece que esses são suficientes para encaminhar-nos a uma dedução. Se homens e mulheres utilizam o cérebro de maneira diferente ao falar, e se, ao que tudo indica, o utilizam de maneira diferente para ler, parece apenas lógico que o utilizem de maneira diferente também para escrever. Indo mais longe, é pouco provável, do ponto de vista puramente físico, que havendo um mecanismo biológico diferenciado para falar e ler, esse mecanismo não atue no ato de escrever.

Seria de se esperar que, depois dessas descobertas, a pergunta passasse para outro patamar. Não passou. Pior ainda, com o aumento da presença feminina no mundo literário, está sendo repetida com maior frequência.

A própria permanência da pergunta nos revela sua natureza. Quando uma coisa não se altera é porque continua cumprindo sua função; sua função não se alterou. A função de uma pergunta que está em busca de resposta cessa quando a resposta é obtida. Mas se a função de uma pergunta não cessa apesar das respostas, devemos procurar em outro lugar sua verdadeira função.

Se eu disser, esse copo é de vidro, eu o confirmarei copo e vidro. Mas se eu perguntar, esse copo é de vidro?, estarei levantando uma dúvida. Você que não têm o copo na mão, que estão meio distantes dele, se perguntarão se ele não é de plástico. E se alguém aqui da mesa disser, sim é de vidro, e se eu perguntar então com ar de dúvida, mas é de vidro mesmo?, estarei plastificando esse copo de vidro para muita gente.

Quando alguém me pergunta se existe uma literatura feminina, eu sei hoje que quem está fazendo a pergunta não é esse alguém — indivíduos não fazem perguntas dessa forma tão simétrica e uníssona — quem está perguntando é a sociedade. E a essa altura já tenho elementos para crer que a sociedade não quer de fato saber se existe uma literatura feminina. O que ela quer é colocar em dúvida a sua existência. Ao me perguntar, sobretudo a mim, escritora, se o que eu faço existe realmente, está afirmando que, embora possa existir, sua existência é tão fraca, tão imperceptível, que é bem provável que não exista.

Aquilo de que se duvida está em suspeição. Está em suspensão. Enquanto a pergunta for aceita, a dúvida estará sendo aceita com ela. E a nossa literatura, a literatura das mulheres, estará suspensa, no limbo, num espaço intermediário entre o paraíso da plena literatura e o inferno da não-escrita. Mas, sobretudo, estará num espaço que, não sendo o seu verdadeiro, só pode ser o espaço do plágio, do decalque. Um espaço claramente localizado atrás do espaço literário já reconhecidamente existente, o masculino.

A pergunta atua também, de forma maquiavélica, forçando as mulheres a uma definição. Que digam as próprias escritoras se classificam seu trabalho como feminino, ou não.

Ora, as mulheres estão perfeitamente conscientes de que ainda hoje um preconceito pesado tende a colorir de rosa qualquer obra de literatura feminina. Apesar da onda dos anos 60 que envolveu os escritos das mulheres em um grande e esperançoso movimento, não conseguimos vencer a barreira. O preconceito perdura. Basta a palavra *mulher* em um título para espantar os leitores homens e abrandar o entusiasmo dos críticos. Já não usamos pseudônimos masculinos, como no século XIX, mas sabemos que os leitores abordam um livro de maneira diferente quando ele é escrito por uma mulher ou por um homem.

Muitas escritoras então — e no Brasil representam a quase totalidade — conscientes de que declarar feminina sua própria escrita aumentam enormemente o risco de desvalorização, preferem negar qualquer possibilidade de gênero no texto, e se refugiam no território neutro de uma utópica androgenia. Como George Sand, repetem “os dois sexos são apenas um para quem escreve”.

No tempo de George Sand a afirmação era revolucionária e cravou-se como uma cunha no intocável e viril universo das letras. Hoje, entretanto, a frase mudou de sentido, porque não podemos ignorar que na nossa sociedade, quando os sexos são apenas um, esse um é masculino. E excludente.

Recentemente, um professor de literatura me perguntava, em boa fé, se diante de vários textos, masculinos e femininos, ele poderia saber, só pelo texto, quais eram os das mulheres. A idéia de que pudesse chegar a isso por eliminação, identificando os textos masculinos, mais próximos da sua sensibilidade, sequer lhe ocorreu. E não lhe ocorreu porque, embora as mulheres estejam escrevendo firmemente desde o século passado, a literatura continua sendo considerada um fenômeno masculino no qual, se alguma distinção tiver que ser feita, não será nunca devido à força intrínseca de ambos os gêneros e ao seu reconhecimento, mas graças a um esforço de diferenciação puramente estilístico das mulheres.

No mundo inteiro, as mulheres lêem mais do que os homens. Todas as pesquisas mostram isso.

Os homens sempre disseram que as mulheres lêem mais porque têm mais tempo livre (entenda-se, não têm o que fazer). Mas de acordo com dados recentemente divulgados pela ONU, através do Relatório do Desenvolvimento Humano, 1995, as mulheres trabalham mais que os homens. No caso dos países em desenvolvimento, como o nosso, a carga horária diária da mulher é 13 por cento superior à dos homens. Então podemos dizer sem medo de erro que as mulheres lêem mais, embora tendo menos tempo disponível, porque têm mais interesse pela leitura. Essa constatação ganha ainda em intensidade, quando lembramos que as mulheres representam 2/3 do analfabetismo mundial.

Uma pesquisa realizada em outubro de 1994 na França revelava que enquanto 70 por cento dos leitores masculinos dedicam o tempo do transporte diário à leitura do jornal, 69 por cento das mulheres lêem um livro. As mulheres compram mais livros, dão mais livros de presente, aconselham mais livros do que os homens. Segundo um levantamento realizado também na França, junto à editora Librio, de *pocket* de boa qualidade literária, 71 por cento de seus compradores são mulheres. E mais uma pesquisa, realizada pelo Ministério da Cultura francês entre 1973 e 1989 sobre as Práticas Culturais dos Franceses, nos diz que a feminização do leitorado é, junto com seu envelheci-

mento, o maior fenômeno do mundo literário dos últimos anos. Em cada 10 leitores de romances, 7 são mulheres.

Esses dados da França, país símbolo da literatura, mostram que a nossa pergunta-tema não é *naive*.

Ela é gerada por um mercado forte. E pelo avanço das mulheres nesse mercado. Ela é arma numa intensa luta pelo poder.

Em primeiro lugar, o poder literário. As mulheres não são apenas as que mais lêem, são também as que mais compram livros escritos por mulheres. E o número de escritoras que escrevem tão bem quanto os escritores vêm crescendo no mundo inteiro. O preconceito tem conseguido manter a maior parte desse contingente feminino no segundo escalão. Não é difícil perceber que, uma vez removido o preconceito, haveria um considerável avanço feminino no universo literário, com decorrente ocupação de parte daquele espaço mais conceituado que os homens, consciente ou inconscientemente, consideram sua propriedade. Simples leis da física nos afirmam que onde um avança, outro recua. Recuar, ninguém quer.

Em segundo lugar, o poder da palavra. Não me parece necessário, aqui, estender-me sobre aquilo que todas já conhecemos e sobre o que muito se escreveu: o poder gerador da palavra; o excesso de força que as mulheres, já geradoras da vida, teriam se possuíssem seu livre uso; a negação, às mulheres, das palavras sagradas; o abuso verbal comprovado a que somos submetidas no cotidiano, através da interrupção e encobrimento das nossas frases. Se nos negam a palavra oral, volátil e efêmera, como crer que reconheceriam nosso direito à palavra escrita, tão mais comprometedora?

Durante séculos as mulheres foram as grandes narradoras, aquelas que ao redor do fogo ou à beira da cama mantinham vivas narrativas milenares. Foi sobretudo graças a narradoras que se preservou o folclore narrativo italiano, recentemente reelaborado por Ítalo Calvino. E a narradoras recorreram os irmãos Grimm para elaborar sua coletânea. Esse papel foi consentido às mulheres sem constrangimentos. E não apenas porque tratava-se de oralidade, mas porque elas atuavam como transmissoras de elementos culturais estratificados, repetidoras de narrativas já existentes e emitidas por outras fontes. Em última análise, como mantenedoras de valores da sociedade patriarcal. A coisa muda de figura quando elas se tornam narradoras de seus próprios textos.

Perguntar se “existe uma literatura feminina” equivale a duvidar que ela exista. Equivale a dizer que as mulheres escrevem de forma não diferenciada — a ponto de não poder ser distinguida — porque usam as palavras dos homens, reproduzem sua linguagem. Colocar em dúvida a literatura das mulheres é uma maneira de negar credibilidade à sua fala, de subtrair-lhes o poder da palavra.

E se pensarmos na essência da literatura veremos que ela contém um elemento bem mais ameaçador do que a simples fala. Literatura — reconhecível como tal — implica linguagem individual. E linguagem individual é transgressão, ruptura das normas, questionamento do já estabelecido. Ora, nos homens a transgressão é estimulada e louvada — o herói é sempre, de uma maneira ou de outra, um transgressor. Mas aos olhos da sociedade, nada pode haver de pior numa mulher do que transgressão — heroína é aquela que,

dentro da norma, se supera, enaltecendo a norma. No reconhecimento de uma literatura feminina, viria embutido o reconhecimento de uma linguagem individual. E esse reconhecimento levaria, não apenas à legitimação de transgressão por parte das mulheres, como à afirmação inequívoca de que transgredir faz parte da natureza das mulheres e não diminui em nada sua feminilidade.

Trocado em miúdos: aceitando a literatura feminina, a sociedade estaria aceitando aquele modelo de mulher que ela tanto nega, e que com tanto esforço estamos tentando impor.

Existe, nos textos sobre o assunto, um fenômeno muito revelador: o consenso de que a pergunta sobre a existência, ou não, de uma literatura feminina torna-se desnecessária em se tratando de escritoras ditas universais. Não há como negar a qualidade, a força, a individualidade de um texto universal, ainda que escrito por mulher. Não há como negar, na plena individualidade, a presença do gênero. Mas tampouco se pode aceitá-lo, sob pena de estender às outras, às outras todas, a aceitação. Então retiram-se as escritoras universais do questionamento. Circunscreve-se o risco de contaminação. Para elas, a pergunta fatídica não vigora.

Para desenvolvermos mais plenamente nosso tema deveríamos abordar a questão das mulheres nas artes, na qual ele está envolvido, embora nas outras artes a pergunta não seja tão claramente formulada (deveríamos ver nisso um medo maior da palavra do que das outras formas de expressão?). Mas seria demasiado longo. Basta lembrar que em todas as artes é igual a negação do nosso fazer. Ela está retratada através da nossa pouca presença nos museus, do esquecimento dos nossos nomes, do descuido com nossos trabalhos, da desatenção dos críticos, do nosso sistemático apagamento na história da arte. E não difere muito da negação das nossas capacidades no universo do trabalho e do poder, retratada pelos salários menores, pelas menores oportunidades, pelo estrangulamento das nossas carreiras.

Em última análise, podemos dizer que, ao contrário do que parece, a pergunta “existe uma literatura feminina?”, não é relativa à literatura.

E a responderemos melhor sempre que a tirarmos de seu falso lugar, e a incluímos no âmbito da questão mais ampla, que é a do medo viril da equivalência feminina.

Para finalizar, embora não goste muito de personalizar, me parece necessário, como escritora, dar minha posição pessoal. Como todo mundo, temo o preconceito. Mas ele me fere mais do que me assusta. E sempre armei minha defesa não na esquiva, mas no enfrentamento. Escrever, já foi dito infinitas vezes, é assumir todas as formas, é ser homem e ser mulher, é ser animal e pedra. O escritor, como o deus marinho Proteu, é criatura cambiante. Mas Proteu mudava apenas de aparência para iludir os outros e esconder-se, enquanto o escritor busca na metamorfose a essência, para entregar-se. E o que sinto em mim, quando diante do computador busco a essência do homem, a essência profunda do animal e da pedra, que me permitirá escrevê-los, o que sinto, intensamente, é que eu a procuro dentro de mim, através de mim, através da minha própria, mais profunda essência. E que essa é, antes de mais nada, uma essência de mulher.